

XII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

21 a 25 de maio de 2007

Belém - Pará - Brasil

DESIGUALDADES RACIAIS E SEGREGAÇÃO URBANA CONTEMPORÂNEAS: SALVADOR,
CIDADE D'OXUM E RIO DE JANEIRO, CIDADE DE OGUM

Antonia dos Santos Garcia (IPPUR/UFRJ)

Desigualdades Raciais e Segregação Urbana Contemporâneas: Salvador, Cidade d'Oxum e Rio de Janeiro, Cidade de Ogum

RESUMO

Neste artigo fazemos uma análise das desigualdades raciais e a segregação urbanas em Salvador e Rio de Janeiro utilizando os microdados do Censo do IBGE de 2000 e recorte territorial por AED – Área de Expansão Demográfica. Partindo da tentativa de compreender a forma particular pela qual o racismo se introduziu e se desenvolveu na nossa sociedade estudada-se as desigualdades raciais e segregação residencial, visando compreender a organização sócio-territorial em diferentes abordagens. Analisam-se ainda as mudanças demográficas, socioeconômicas, sociais e simbólicas e o processo de branqueamento ligados aos incentivos à imigração européia e seus significados na cidade contemporânea, com o estudo da distribuição espacial da população urbana por cor ou raça, através de mapas temáticos objetivando a repartição de diferentes indicadores no território das cidades. Tomando a variável cor ou raça como central para construção dos indicadores de bens urbanos e serviços de consumo coletivos verificamos como a metrópole moderna recria a hierarquia racial, examinando a distribuição espacial dos indivíduos e a distribuição das residências para compreender como a estratificação social e racial dos indivíduos se vincula com os locais de moradias e as oportunidades sociais a que dão acesso.

Desigualdades Raciais e Segregação Urbana Contemporâneas: Salvador e Rio de Janeiro

“Tenho instrução superior, creio ser personalidade forte, mas não sou um cidadão integral deste país. O meu caso é como o de todos os negros deste país, exceto quando apontado como exceção. E ser apontado como exceção, além de ser constrangedor para aquele que o é, constitui algo de momentâneo, impermanente, resultado de uma integração casual” (Milton Santos, 2000).

A epígrafe deste artigo é uma homenagem *in* memória a um negro baiano-brasileiro, cidadão do mundo, que projetou nossa terra internacionalmente e a nossa “raça” numa das áreas de maiores barreiras para o negro/negra na nossa sociedade que é o meio intelectual. O que disse Milton Santos sobre a nossa sociedade racista, se sentindo como os demais negros brasileiros, sobretudo aqueles que formam a base da pirâmide social, um cidadão de segunda classe, nos faz refletir sobre relações sociais altamente hierárquicas e desiguais ao ponto de fazer um cidadão do mundo como ele se sentir no próprio país um subcidadão.

Este artigo resulta da tese de doutorado defendida no IPPUR – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional – UFRJ, com o apoio da FAPERJ – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, na qual realizamos um estudo geral comparativo sobre as desigualdades raciais e segregação urbanas em Salvador e Rio de Janeiro utilizando os microdados do Censo IBGE de 2000 com o recorte territorial por AED – Área de Expansão Demográfica. A forma particular pela qual o racismo se introduziu e se desenvolveu na nossa sociedade é estudada a partir dos conceitos de desigualdade e segregação residencial, visando compreender a organização sócio-territorial à luz de uma revisão dos estudos sobre relações raciais e sobre estudos urbanos em diferentes abordagens, destacando-se nestes últimos grande ausência da questão racial. Realizamos também estudos de casos em dois bairros singulares: Plataforma em Salvador e Bangu no Rio de Janeiro, que são significativos para o exame das metamorfoses do espaço brasileiro desde a colonização escravista portuguesa até a contemporaneidade.

A gênese das Américas tem em comum a escravidão. Comparando o Brasil no interior da América Latina, Hasenbalg (1993, p.52) aponta dois eixos em torno dos quais se estabelecem as semelhanças entre o Brasil e as outras sociedades latino-americanas: a) a concepção desenvolvida por elites políticas e intelectuais a respeito de seus próprios países, supostamente caracterizados pela harmonia e tolerância, e ausência de preconceito e discriminação racial (concepção que coexiste, em todos os casos, com a subordinação social

ou virtual desaparecimento dos descendentes de africanos); b) o embranquecimento, entendido tanto como projeto nacional implementado em políticas de povoamento e imigração, como em termos da obsessão em representar as respectivas sociedades como essencial, ou predominantemente brancas e de cultura hispânica, ou de forma mais inclusiva, européia. Jordi Borja e Manuel Castells (1997) ressaltam que, nos últimos anos do século XX, a globalização da economia e a aceleração do processo de urbanização tem incrementado a pluralidade étnica e cultural das cidades através do processo de migrações nacionais e internacionais, que conduzem a interpenetração de populações e formas de vida díspares no espaço das principais áreas metropolitanas do mundo. O global se localiza, de forma socialmente segmentada e espacialmente segregada. No artigo que os autores analisam a cidade multicultural é afirmado que o racismo e a segregação urbana existem em todas as sociedades, mas nem sempre seus perfis são tão marcados, nem suas conseqüências tão violentas como as que se dão nas cidades norte-americanas. Entre os países latino-americanos observam o seguinte:

Assim, o Brasil é uma sociedade multicultural, em que os negros e mulatos ocupam os níveis mais baixos da escala social. Porém, ainda que as minorias étnicas também estejam espacialmente segregadas, tanto entre regiões do país como no interior das regiões metropolitanas, o índice de dissimilaridade, a que mede a segregação urbana é mais inferior aos das áreas metropolitanas norte-americanas (BORJA e CASTELLS, 1997, p. 6).

Neste contexto, é fundamental que os estudos urbanos reflitam sobre os dilemas e contradições das cidades à luz das relações raciais e assim promovam políticas públicas de fato igualitárias.

1 Perfil Sócio-Racial Contemporâneo do Rio de Janeiro e de Salvador

O século XIX foi palco de enormes transformações econômicas, sociais, políticas, demográficas e culturais na sociedade brasileira, especialmente no Rio de Janeiro, que transformou-se ao longo dos séculos na principal cidade político-administrativa do poder central. A transição da cidade escravista para a cidade republicana conheceu um forte crescimento urbano, que entre suas conseqüências trouxe a crise de moradias, com a expansão das relações capitalistas na produção da habitação, com a exclusão da grande massa urbana dos meios de aceder à casa ou de pagar aluguéis.

Nessa transição da cidade escravista, onde predominou o capital mercantil, à cidade industrial, se observa algumas mudanças no tipo de habitação popular, sem, contudo, traduzir-se nas transformações fundamentais, no sentido de uma cidade de cidadãos e não meios cidadãos, ou seja, pessoas portadores de direito pleno. A senzala, foi o primeiro modelo de

habitação coletiva adotado para moradia das classes subalternas, principalmente nas fazendas e engenhos; mas também nas cidades, com os sobrados, as lojas, as estalagens, os cortiços, demarcando a divisão social e racial do espaço urbano. As contradições entre senhor e escravo, casa-grande e senzala, sobrados e porões são substituídas por burgueses e proletários, bairros ricos e bairros pobres, favela e asfalto, palacetes e condomínios fechados de casas e apartamentos *versus* conjuntos habitacionais, ou habitações coletivas, como o cortiço, a cabeça de porco, a casa de cômodos ou casas populares, habitadas pelo proletariado de melhores condições.

Tabela 1 – População por Cor ou Raça – Salvador e Rio de Janeiro - 2000

População	Cor ou raça				Total	
	Branca		Negra		Salvador	Rio de Janeiro
	Salvador	Rio de Janeiro	Salvador	Rio de Janeiro		
Absoluta	564.858	3.407.338	1.834.539	2.379.584	2.399.397	5.786.921
Porcentagem	23,5%	58,9%	76,5%	41,1%	100,0%	100,0%

Fonte: IBGE/2000 – Elaboração: Antonia Garcia

Neste contexto, Rio de Janeiro e Salvador mantêm suas posições na histórica distribuição espacial da população, após o início da imigração massiva européia, que alterou a composição racial das regiões. Atualmente, conforme Tabela 1, Salvador continua com uma composição racial quase sem alteração em relação aos censos do século XIX e XX. Na realidade houve um aumento, ainda que discreto, dos que assumem ascendência negra, apesar do grande crescimento dos pardos significar a busca de branqueamento e/ou negação das origens africanas, uma vez que os que se auto-declaram pretos são estatisticamente minoritários (cerca de 20%). Os brancos continuam como minoria, com 23,5% e os negros (preto e pardo) como ampla maioria absoluta e relativa (76,5%) da população. O Rio de Janeiro, cujo processo de branqueamento foi mais expressivo entre 1872 e 1950, quando os brancos passaram de 55,21% para 69,86%, a dos pretos no mesmo período, diminuiu de 24,13% para 12,30% e a dos pardos de 20,66% para 17,50% (PINTO, 1998, p.71-73), mas sofrendo uma redução dos brancos, que atualmente são 58,9% (2000) contra os quase 70% no período 1872-1950.

Analisemos a atual composição racial da velha Salvador de 457 anos, a terceira mais populosa capital, com 2.399.397 de habitantes, dos quais 76,5% são negros (Tabela 1). Essa metrópole tem uma distribuição da população por cor ou raça, de acordo com o Mapa 1, que indica a existência de algumas ilhas, onde moram boa parte dos 23,5% de brancos, que se concentram, principalmente, nos bairros da elite tradicional de classes alta e média alta, como

pode ser observado pelas AEDs: Graça (71,9%); Barra e Barra Avenida (71,7%); Campo Grande, Canela e Corredor da Vitória (68,5%); Pituba e Parque Nossa Senhora da Luz (67,0%); Chame-Chame, Canela, Morro do Gato e Morro do Ipiranga (61,9%); e áreas mais modernas, como: Itaigara, Caminho das Árvores e Iguatemi (69,4%); Stela Maris e Aeroporto (58,1%); Imbuí (52,8%) e Armação, Costa Azul e Conjunto dos Bancários (52,5%), que correspondem a apenas nove das oitenta e oito AEDs com maioria branca. Os bairros em que predominam os brancos são fortemente concentrados no espaço, permitindo que se confronte a sua maior dotação de serviços com a do resto do espaço urbano.

Nas demais AEDs, a maioria negra é espacialmente hierarquizada em bairros de classe média, a grande maioria vivendo em bairros populares, variando sua concentração de 51,4% a 92,3%. Nos bairros de classe média, onde os negros são maioria, existem muitos bairros invasões-populares, que podem mascarar o tamanho dessa classe, a exemplo de bairros de classe média como o Rio Vermelho, com 51,4%, Nazaré, Saúde, Tororó e Jardim Bahiano, com 56,6%. No Mapa 1 pode-se observar que os negros são predominantes em quase todas as AEDs, tendo como exceção o Rio Vermelho (antiga área de quilombo), com 48,6% de brancos e 51,4% de negros. Observa-se que muito próximo a esta área existe a AED Santa Cruz, composta pelos bairros da Chapada do Rio Vermelho e Vale das Pedrinhas, bairros populares, cuja população negra chega a 87,6%, portanto, uma minoria branca pouco expressiva compõe esta área.

Os demais bairros com proporções de mais 60% de negros podem ser classificados como bairros de médio a baixo *status*, sendo que à medida que a composição racial se torna mais homogênea, com variação de mais de 70% a 90%, eles se localizam em pontos muito mais distantes do centro comercial e administrativo da cidade.

Na Orla Oceânica se destaca a AED/bairro do Nordeste de Amaralina, com alta densidade negra - 90,2%, localizada ao lado do bairro de Amaralina, onde 71,3% se autodeclaram negros. Nestas áreas é relevante lembrar a presença de invasões impossíveis de se identificar no conjunto das AEDs. Infelizmente, não dispomos dos dados com recorte racial nos estudos sobre invasões em Salvador, mas é possível notar, pela composição das AEDs, que nos atuais bairros populares que se originaram de invasões, a concentração de negros é muito expressiva. Como exemplos citamos Pero Vaz, originado da invasão do Corta Braço (82%), Liberdade (81,9%), Curuzu (85,7%), Pau Miúdo (81,1%), Caixa D'Água, Lapinha e Soledade (83,9%), Água de Meninos, Calçada, Mares, Roma, Baixa do Fiscal e Uruguai (79,8%), que fazem parte do conjunto de bairros de antigas área populares, repetindo-se o padrão em outras menos antigas, ou seja, na periferia mais próxima do centro antigo.

Nos conjuntos habitacionais da cidade, há também uma maioria negra, que se estratifica de acordo com a distribuição espacial das residências, ou seja, quanto mais popular, mais distante do centro, mais segregada. Nos conjuntos habitacionais de classe média intermediária, como Cabula, ou média baixa, como Mussurunga, existe uma maioria negra, que não se distribui espacialmente, da mesma forma, mesmo verificando-se alta densidade negra em todos eles, por estarem permeados por invasões.

Nos conjuntos habitacionais de casas ou apartamentos da URBIS/BNH, para faixas de renda mais baixas (todos construídos no período militar - 1964-1984), por AEDs, cor ou raça, os negros são quase a totalidade da população: Fazenda Grande I e Fazenda Grande II (80,2%); Fazenda Grande III e Fazenda Grande IV, (84,7%); Nogueira e Cajazeira III (86,0%); Vila Canária, Sete de Abril e Jardim Nova Esperança (84,3%); Cajazeira V, Cajazeira VI e Cajazeira VII (82,3%); Cajazeira VIII (87,2%); Cajazeira X e Cajazeira XI (82,8%); Cajazeira, B. Doce, Palestina, Boca da Mata, Águas Claras (92,3%); Castelo Branco, Cajazeira II e Cajazeira IV (84,2%).

De fato, como lembra Ermínia Maricato (1996, p.92), na história da política habitacional, a má localização dos conjuntos habitacionais tem sido regra esmagadora e não exceção: “(...) o ambiente construído não pode ser dissociado da sociedade desigual e discriminatória. Discriminação social e segregação ambiental andam juntas”.

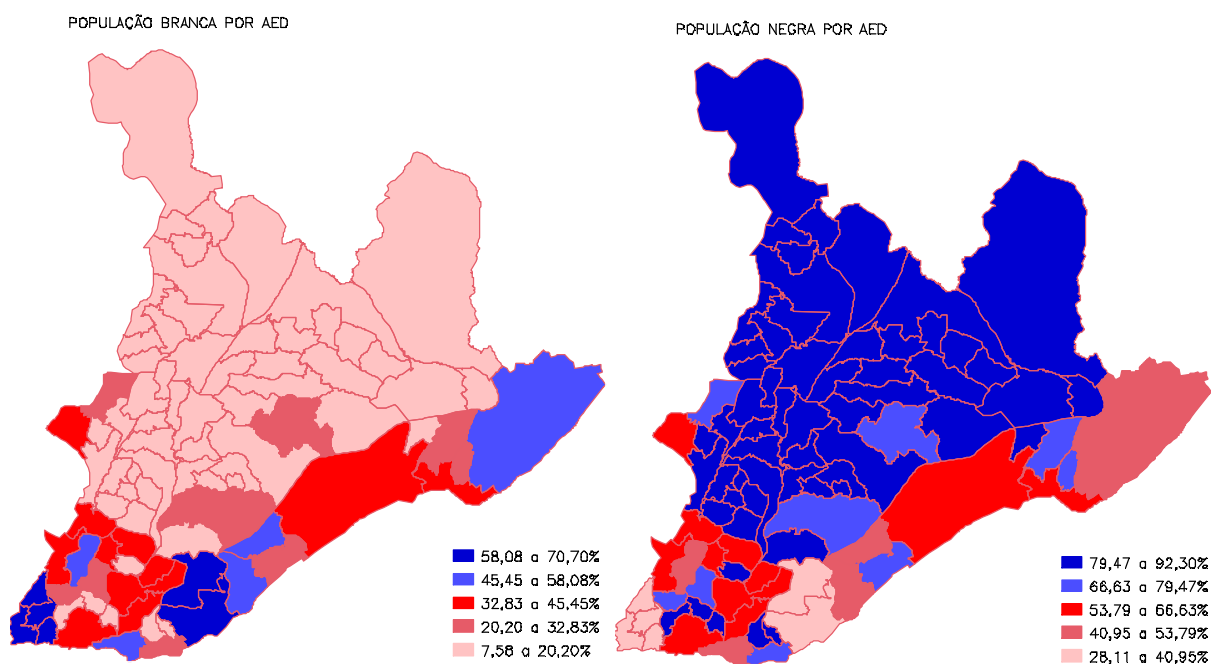
Conforme o Mapa 1, os brancos se concentram na Orla Atlântica, enquanto os negros, majoritariamente, nas outras partes da cidade, incluindo a “Orla Marisca” – Baía de Todos os Santos¹. Mas na Orla Marítima há exceções, como o Nordeste de Amaralina (90,2%), Boca do Rio e Caxundé (78,5%), com altíssima concentração de negros. Na Paralela, o Bairro da Paz, com 86,7% (antiga invasão das Malvinas) também destoa, com seus barracos sem reboco, ruas empoeiradas e concentração de negros, sendo uma área destinada pelo capital imobiliário e seus parceiros no Estado a grandes projetos habitacionais, como já mencionado.

Na outra orla, a “Orla Marisca”, se localiza o Subúrbio Ferroviário de Salvador, uma extensa área de aproximadamente 4.145 ha, de formato longitudinal, que ocupa o lado oeste de Salvador, bordeando a Baía de Todos os Santos. No lado leste é limitado pelo Parque São Bartolomeu e ao norte pela Baía de Aratu. A história social do Subúrbio Ferroviário de Salvador está intimamente ligada à história da Bahia, tanto no que se refere ao período da colonização, como na fase do capitalismo industrial.

Histórica e contemporaneamente, a zona suburbana se caracteriza por bairros de médio baixo e baixo *status*, ainda que tenha uma situação heterogênea, do ponto de vista do acesso ao mercado formal e informal de moradia, pois tem muitos bairros que ainda vivem sob o

regime de enfiteuse, como loteamentos populares, conjuntos habitacionais e invasões. Na sua composição racial, todavia, é uma área bastante homogênea, com alta concentração de negros em todas as AEDs: Alto de Santa Terezinha e Ilha Amarela (84,1%); Coutos e Vista Alegre (91,9%); Fazenda Coutos (88,6%); Lobato (81,2%); Nova Constituinte e Parque Setúbal (90,6%); Paripe, São Tomé, Bate Coração e Tubarão (85,8%); Periperi, Mirante de Periperi e São Bartolomeu (80,7%); Plataforma (81,8%) e Rio Sena (84,8%). São bairros que têm as mesmas características sociais, raciais, econômicas, culturais e políticas de grande parte da cidade. Se no Rio de Janeiro, a dualidade se dá em termos de favela-bairro, morro e asfalto, em eixo vertical, em Salvador ela se dá mais em termos de orla marítima x subúrbios, bairro pobre x bairro rico, em eixo horizontal.

Mapa 1 - População por Área de Ponderação e Cor ou Raça – Salvador - 2000



Fonte: IBGE, 2000. Elaboração Antonia Garcia.

Como vimos (Mapa 1), de um lado, Salvador tem sua composição racial bastante homogênea, em bairros de baixo *status*, na quase totalidade das AEDs onde mora a população negra, com uma disparidade social e racial entre bairros de alto e médio *status*. De outro lado, os brancos, que constituem apenas 23,5% da população, se concentram majoritariamente em poucas AEDs, da Orla Oceânica ao Sul e ao Norte e nas AEDs do Iguatemi, onde se localizam centros comerciais modernos, implantados a partir dos anos 1970. Em suma, geograficamente, os negros concentram-se principalmente em bairros de baixo *status*, com alguma representatividade em bairros de *status* médio.

Por outro lado, o Rio de Janeiro, cidade também antiga (441 anos), com uma população total de 5.786.921 habitantes, apenas 41,0% de negros, tem em termos absolutos mais negros que Salvador, (2.379.584, Tabela 1). Estes se distribuem de forma bastante desigual no território (Mapa 2), com alta densidade de brancos na Zona Sul, composta pelas AEDs Glória (80,0%); Flamengo (90,0%); Botafogo-Praia (84,0%); Botafogo-Soro-Humaitá (75,0%); Botafogo-Soro-Metrô (89,0%); Botafogo-Fundos-Urca (84,0%); Humaitá (94,0%); Copacabana-Eixo1 (88,0%); Copacabana-Eixo2 (93,0%); Copacabana-Fundos (83,0%); Copacabana-P2 (84,0%); Copacabana-P6 (88%); Ipanema-Eixo (80,0%); Ipanema-Orlas (93,0%); Leblon (89,0%); Leme (76,0%); Lagoa (94,0%)²; Jardim Botânico (83,0%); Laranjeiras (89,0%); Gávea (91,0%) e São Conrado/Vidigal com 68,0% (este menor percentual deve-se certamente à presença da favela do Vidigal). Algumas áreas da zonas Oeste e Norte, principalmente nas AEDs da Barra da Tijuca com 93,0% e Recreio dos Bandeirantes-Grumari com 69,0%, têm um dos percentuais mais baixos de grande concentração de brancos, certamente pela agregação de favelas na mesma AED. Na Zona Norte, as mais altas concentrações estão nas AEDs Jardim Guanabara (89,0%); Maracanã (85,0%); Grajaú (87,0%); Irajá-Monsenhor Félix (68,0%); Meier (78,0%); Maria da Graça-Del Castilho (76,0%); Maneró-Portuguesa (71,0%); Vila Isabel (73,0%).

No Rio de Janeiro, em geral, as oposições entre morro e asfalto ocorrem, principalmente, sobre dois pontos do território que abrigam classes ou frações das classes dominantes: Zona Sul e Barra da Tijuca. Mas ao contrário do que sugere a polarização, dos mais de um milhão dos residentes em favelas, só uma pequena parte de favelados mora nesses bairros. Em termos de AED, a Zona Sul tem uma população total de 591.100 habitantes e os negros que vivem nesta região correspondem a apenas 94.778, incluindo a Rocinha, com seus 56.296 habitantes. Ou seja, apenas 16% dos moradores desta área se autoclassificam como negros (pretos e pardos).

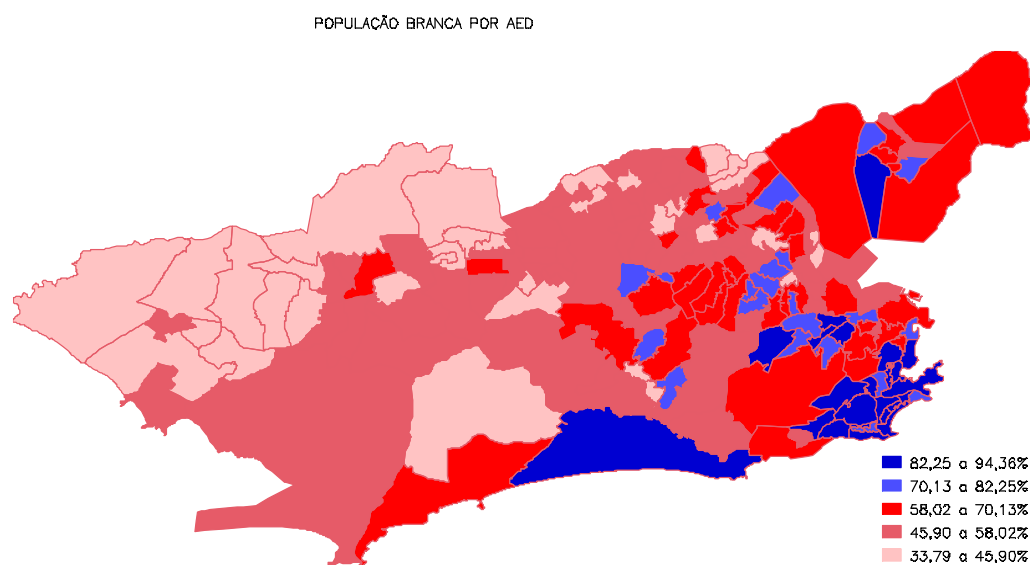
A Rocinha, também localizada nesta região, por ser a mais populosa com 42.892 em 1991 e 56.296 moradores em 2000, tanto forma uma RA como uma AED. Por esta razão, é a única favela com unidade territorial por AED, e, conseqüentemente, composição racial passível de análise por este recorte espacial. Para nossa surpresa, aqui a maioria não é negra, o que mostra a existência de hierarquias nas regiões faveladas, se atentarmos para a variável racial. Em números absolutos, dos 56.296 moradores, os brancos são 30.822 e os negros 25.473 (55% e 45%, respectivamente). Embora a diferença não seja tão grande, a explicação pode estar no mesmo fenômeno que mostra a concentração da população negra na periferia da cidade, ou seja, os brancos pobres, mesmo residindo em favela, têm, provavelmente, mais

chances sociais que os negros.

No que diz respeito à distribuição espacial das raças e classes sociais no território, Rio de Janeiro e Salvador também apresentam homologias, e um padrão comum de segregação inscrito no espaço, apesar da alta densidade relativa dos negros em Salvador, que é quase metade da população do Rio de Janeiro, como vimos anteriormente. Ressalve-se, entretanto, que nenhum bairro de maioria branca desta cidade consegue os índices do Rio de Janeiro. Lá as AEDs com maior densidade branca, como Graça e Barra /Barra Avenida chegam a 71,9% e 71,7%, respectivamente, enquanto no Rio de Janeiro as AEDs mais brancas ultrapassam a barreira dos 90%, como Lagoa (94%), Humaitá (94,0%), Ipanema Orlas (93,0%), Gávea (91,0%) e Flamengo (90,0%). Inversamente, em Salvador, estes índices são alcançados pelos negros de áreas bem distantes do centro antigo e algumas áreas da Orla Marítima.

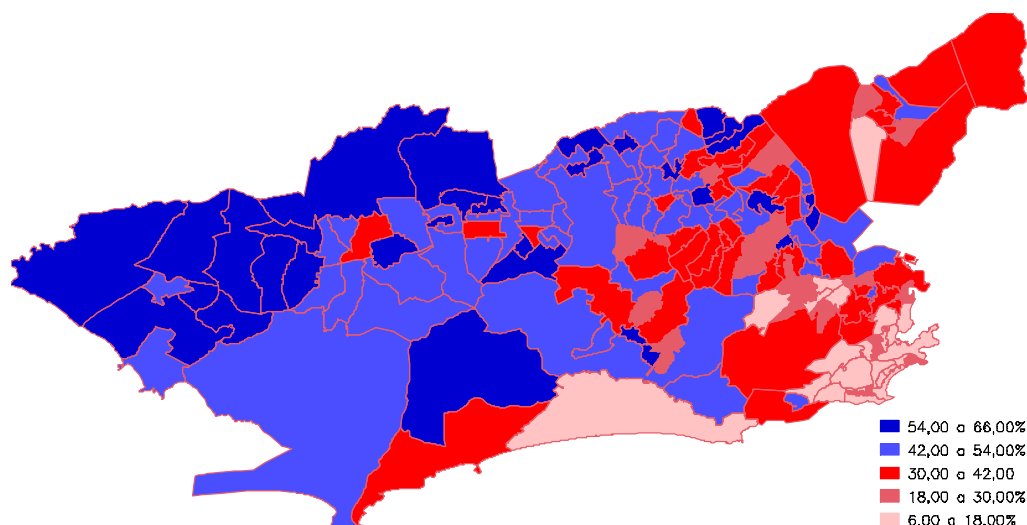
É importante ressaltar o quanto de emblemático comporta a organização desse espaço na formação da cidade republicana. De área de quilombos, virou o espaço dos mais brancos e ricos da cidade.

Mapa 2 População por Área de Ponderação e Cor ou Raça - Rio de Janeiro - 2000



Fonte: IBGE, 2000. Elaboração Antonia Garcia

POPULAÇÃO NEGRA POR AED



Fonte: IBGE, 2000. Elaboração Antonia Garcia

Como dito anteriormente, em geral os estudos sobre favelas ou invasões não têm recorte racial, entretanto, segundo Telles (2003, p.183), em estudo realizado por ele e por Luiz Cesar, baseado no censo de 1991, 70% dos residentes em favelas do Rio de Janeiro eram pardos ou pretos. Este é o mesmo índice encontrado por Luiz Costa Pinto (1998, p.137), que na década de 1940 aferiu que, de cada cem habitantes da cidade, aproximadamente 7 vivem nas favelas, e de cada cem habitantes das favelas, aproximadamente 71 são “de cor”. Isto significa, em outros termos, que a representação dos grupos de cor na população das favelas é muitas vezes maior, quase o triplo, da proporção deles na população total. Para este último autor, não há dúvidas de que a segregação, no Rio de Janeiro, é altamente expressiva na década de 1940. Ou seja, o fenômeno continua quase inalterado mais de seis décadas depois, pelo menos no que diz respeito à composição racial.

A forte hierarquização e auto-segregação das classes sociais no Rio de Janeiro pode também ser vista pela reportagem do jornal *O Globo*, em 31/03/06. Segundo este jornal, o crescimento das favelas está provocando novo comportamento do carioca na hora de comprar apartamento, principalmente em São Conrado. Além de visitar o imóvel, o comprador sobrevoa o bairro de helicóptero, para avaliar se é segura a distância da favela, e se ela, na semana seguinte, não estará na porta de sua futura casa. A auto-segregação ou “guetos da burguesia”, nas áreas da Barra e Zona Sul no Rio de Janeiro, produz áreas residenciais de conforto cada vez maior, de perfil mais sofisticado, como mostra a reportagem sobre o que é morar bem:

O aumento da sensação de violência e o barateamento da tecnologia também contribuíram, e muito, para a defasagem dos prédios lançados há cerca de dez anos.

Nos novos empreendimentos voltados para a classe média e média alta, portões de garagem são abertos automaticamente quando se aproxima um carro de um morador, graças a um chip de identificação instalado no automóvel. Na entrada de pedestres, os condôminos são identificados por suas digitais. Já os visitantes, são cadastrados e fotografados por sistema de computador (*O Globo*, 19/03/06).

Nesta mesma data, é possível ler, nos Classificados, que coberturas nestas áreas têm custo variando de 250 mil a mais de um milhão e apartamentos de 4 quartos só a partir de 450 mil reais. Esta realidade não é diferente para as chamadas áreas “nobres” de Salvador, como nos bairros também de supremacia branca como Vitória, Graça, Barra, Pituba, Itaigara, como mostra a reportagem seguinte:

Na Graça um lançamento anuncia apartamentos a partir de R\$ 495.000,00 Descrição: A Mansão Giacomo Puccini tem o privilégio de estar localizada em um dos bairros mais elegantes e bem estruturados de Salvador. A Graça sempre foi palco de grandes lançamentos imobiliários e desta vez não foi diferente. Com uma bela vista para o mar, o empreendimento traz a você toda a comodidade, todo o luxo e sofisticação de morar em um bairro onde tudo acontece. Apartamentos com 197m², 1 por andar, 4 suítes, salas de estar e jantar; Lavabo; Varandão com 27m²; 2 elevadores; Gerador; Medição individual de água e energia elétrica. Pré-disposição para ar condicionado tipo *split*; Aquecedores individuais de água; Quadra Poliesportiva; 2 piscinas; Salão de jogos; Salão de festas; *Reebok Fitness Center*; Sauna; *Playground* coberto e descoberto; Parque infantil; 4 vagas de garagem (5ª vaga para cobertura); Cobertura com sauna, piscina, living superior e 5ª suíte (*ClassiImobiliário*, *A Tarde*, 9/04/06).

Distante destas áreas mais valorizadas pelo capital imobiliário, os subúrbios cariocas, como os soteropolitanos, têm muitas similaridades, inclusive na sua formação histórica. Ocupados inicialmente por aldeias indígenas, fazendas, engenhos, senzalas e quilombos, têm sua expansão com a indústria têxtil e ferrovias. Segundo Abreu (1997, p. 99), o processo de crescimento demográfico e industrial dos subúrbios cariocas apresentou, a partir de 1930, um crescimento notável, e o deslocamento das indústrias da área central para os subúrbios foi complementado, por dois outros, também importantes: 1) a saída dos estabelecimentos fabris das proximidades do centro, levando à liberação de terrenos para edificações amplas; 2) é também a partir de 1930, que o Estado passa a intervir no processo de localização industrial, surgindo dessa iniciativa o Decreto-lei 6000/37, que estabeleceu pela primeira vez uma zona industrial na cidade. Com isso, excluíram-se bairros da Zona Sul e de parte da Zona Norte.

Na Zona Sul foram excluídos das regiões industriais os bairros de tradição fabril como Gávea, Jardim Botânico e Laranjeiras, onde fábricas têxteis com vilas operárias estavam instaladas até os anos de 1930, engendrando, assim, transformações importantes na forma e no conteúdo espaciais. A configuração atual destas áreas, analisando-se por áreas de ponderação (Mapa 2), revela que na Zona Norte e principalmente na Zona Oeste concentram-se os negros que certamente compõem a classe trabalhadora ativa ou inativa. A visão dicotômica das relações espaciais, centrada na oposição de apenas favela e bairro, simplifica abusivamente as oposições sociais do tecido urbano. A objetivação do conjunto do território

das duas metrópoles, através de mapas e quadros estatísticos, constitui um poderoso instrumento de ruptura com a visão etnocêntrica, que reduz a polaridade das cidades brasileiras ao binômio favela-bairro. Como em Salvador, no Rio de Janeiro, a maior concentração dos negros está nos subúrbios. Esta concentração corresponde a cerca de 54 das 170 AEDs:

Coelho Neto (51%); Penha 2 (51%) Santíssimo (51%); Pavuna (51%), Senador Camará/SantaCruz (51%); Padre Miguel (51%); Realengo/Borda Helena (51%); Campo Grande 3 (52%); Maré/Bonsucesso/Ramos (52%); Benfica (52%); Guaratiba, Barra de Guaratiba, Pedra de Guaratiba (52%); Tomás Coelho (53%); Guadalupe (53%); Mangueiros (53%); Mangueira, São Francisco Xavier (53%); Campo Grande 8 (53%); Honório Gurgel (53%); Acari, Parque Colúmbia (54%); Realengo/Água Branca (54%); Senador Camará/SantaCruz (54%); Rocha Miranda (54%); Gardênia Azul (55%); Realengo/Limites (55%); Senador Vasconcelos (55%); Campo Grande1(55%); Campo Grande5 (55%); Vicente de Carvalho (55%); Cordovil (55%); Parada de Lucas (56%); Cosmos (56%); Colégio (57%); Maré/Mangueiros (57%); Maré/Bonsucesso (57%); Santa Cruz/Guandu (57%); Complexo do Alemão (57%); Anchieta (57%); Jacarezinho (58%); Camorim,Vargem Pequena, Vargem Grande (58%); Santa Cruz/ Felipe Cardoso (59%); Ricardo de Albuquerque (59%); Vigário Geral (59%); Realengo/Borda (59%); Bangu/Avenida Brasil (60%); Inhoaíba (60%); Santa Cruz, Urucânia, Cesário Melo (60%); Paciência (61%); Bangu, Avenida Brasil,Corretor (60%); Senador Camará/Favelas (62%); Santa Cruz, Urucânia, Guandu (62%); Bangu, Avenida Brasil, Marciano (62%); Cidade de Deus (63%); Santa Cruz/Cesário Melo (66%); Costa Barros (66%). Costa Barros, situado na Zona Norte, em termos relativos é o que mais concentra negros na cidade. Dos 5.119 habitantes 66% são negros.

Pelos dados analisados, não deve ser por acaso que as favelas cariocas estão concentradas principalmente nas zonas Oeste e Norte, sobretudo nas AEDs de Santa Cruz, Bangu e Campo Grande, densamente povoadas, e com os mais altos índices de negros, tendo assim certa homologia com Salvador, quando os índices de mais de 90% de negros são dos subúrbios. Os dados do IBGE/2000, também confirmam que o número maior de favelas está nas zonas Oeste e Norte: Jacarepaguá (68); Bangu (21 favelas) e Realengo (14). Itanhangá, Recreio, Anchieta, Complexo do Alemão concentram 11 delas cada uma. Entretanto, na divisão por RA, Bangu concentra o maior número: 133. Estas áreas, portanto, são as mais homogêneas do ponto de vista da densidade negra, em oposição à Zona Sul e parte da zona norte e oeste, em comparação com os brancos.

Ou seja, tanto em Salvador como no Rio de Janeiro, a população mais rica e branca

concentra-se em poucos bairros, onde estão os mais escolarizados, os de maior renda, de ocupações mais valorizadas, etc. As classes dominantes decidem a estrutura suntuosa de seus bairros, que nada ficam a dever aos padrões das mais opulentas metrópoles européias ou norte-americanas, enquanto as classes populares, com pouca ou nenhuma opção, são levadas a se concentrarem em bairros sem infra-estrutura urbana adequada, sem serviços educacionais e de saúde de qualidade, sem o mínimo de conforto, sem o bem-estar que sobra nas áreas mais ricas e brancas. Para aprofundar tal análise, vamos examinar, empírica e teoricamente, como as condições de moradia podem revelar as desigualdades raciais e a segregação nos territórios soteropolitano e carioca.

2 Condição de Moradia e Desigualdades Raciais

Nesse contexto, analisamos a distribuição espacial da população por cor ou raça e mapas temáticos, com diferentes indicadores para análise da estratificação social e racial dos indivíduos e sua correlação ou não com a moradia, incluindo a posse de bens urbanos e sua distribuição espacial, assim como dos serviços de consumo coletivo. A partir destes indicadores, busca-se analisar estatística e espacialmente o fenômeno das desigualdades raciais e seu rebatimento no território, evidenciando a segregação

Examinemos as desigualdades raciais e a segregação espacial em ambas as cidades, com os microdados organizados para este estudo. Os dados da Tabela 2 mostram que a maioria da população de ambas as cidades mora em casas. Entretanto, fazendo um recorte racial, verifica-se que brancos e negros têm situações diferenciadas por tipo de moradia. A casa é a principal forma de moradia dos negros, representando 76,5% desses domicílios em Salvador e 78,6% no Rio de Janeiro. Em contrapartida, a situação dos negros em relação aos apartamentos é diferente, também em relação aos brancos. Em Salvador, há mais brancos vivendo em apartamentos que no Rio de Janeiro – 47,4% e 42,6%, respectivamente. Situação semelhante à dos negros, que são 22,4% para os negros de Salvador, contra 19,4% para o Rio de Janeiro. No que diz respeito aos cômodos (domicílio particular composto por um ou mais aposentos, localizado em casa de cômodos, cortiço, cabeça-de-porco etc.), a situação dos negros tanto cariocas como baianos é a do dobro dos brancos que moram nesse tipo mais precário de domicílio: 1,2% e 2,%, respectivamente.

Tabela 2 – Tipo de Domicílio por Cor ou Raça – Rio de Janeiro e Salvador - 2000

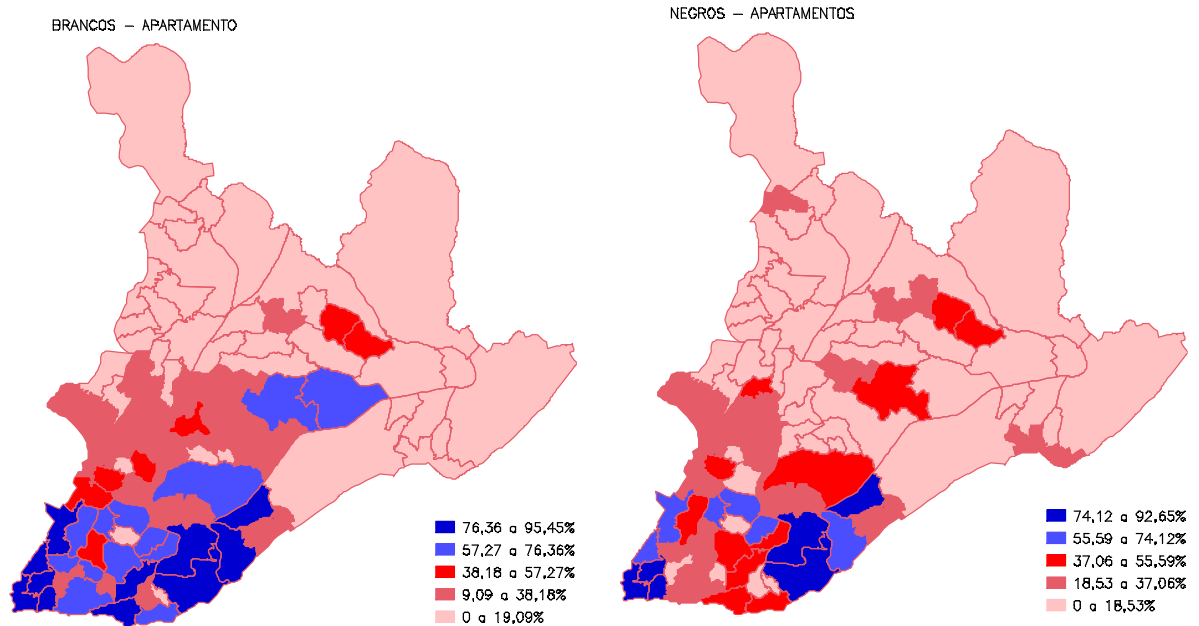
Tipo de domicílio	Cor ou raça				Total	
	Branca		Negra		Salvador	Rio
	Salvador	Rio	Salvador	Rio		
Casa	52,1%	56,4%	76,5%	78,6%	70,7%	65,5%
Apartamento	47,4%	42,6%	22,4%	19,4%	28,3%	33,1%
Cômodo	0,5%	1,0%	1,2%	2,0%	1,0%	1,4%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Elaboração própria, a partir da amostra do Censo 2000 (IBGE).

No que se refere à distribuição destes domicílios no espaço da cidade, escolhemos o mapa dos apartamentos, que é um indicador das diferenças entre as classes e raças como observadas no quadro anterior. De um lado, fica evidenciado, nesta distribuição, que apartamento é um tipo de moradia preferencial das áreas da orla marítima, com sua bela vista para o mar, em confortáveis condomínios e, do outro, há ainda os conjuntos de apartamentos para a classe média baixa em áreas urbanas menos valorizadas, construídas por decisão do Estado e do capital imobiliário como “alternativa” ao mercado informal da habitação, por limitações de recursos das classes populares.

De fato, os 47,4% dos brancos que vivem em apartamento (Mapa 3), em Salvador, estão em áreas majoritariamente mais ricas e brancas, enquanto que os negros (22,4% - menos da metade dos brancos), se localizam também nestas áreas, mas de forma mais restrita. Trata-se, provavelmente, da pequena classe média negra, que adquiriu os capitais sociais que permitem o acesso ao mercado formal de moradia. Contudo, desse percentual, parte dos negros mora nos distantes conjuntos habitacionais de médio e baixo *status*, pois as AEDs que formam estes conjuntos têm alta densidade negra

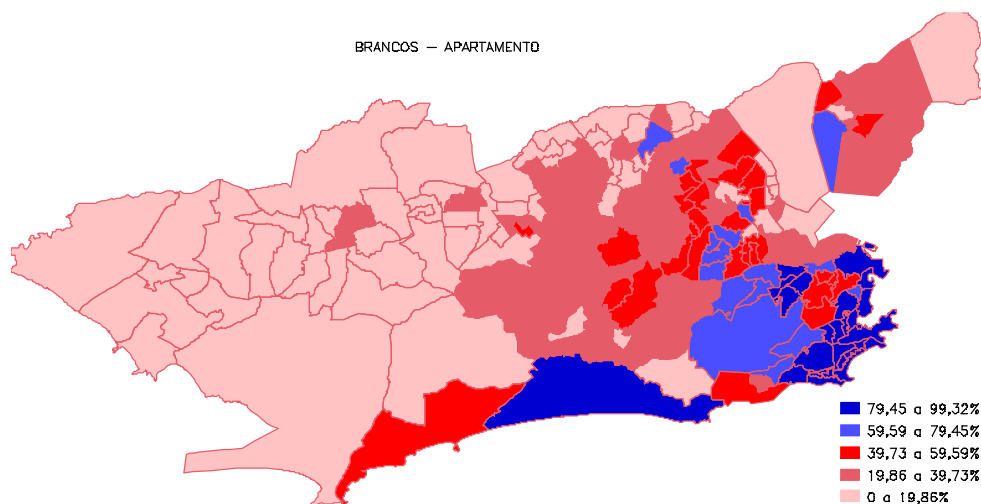
Mapa 3 – Distribuição Espacial de Apartamentos por Cor ou Raça - Salvador - 2000

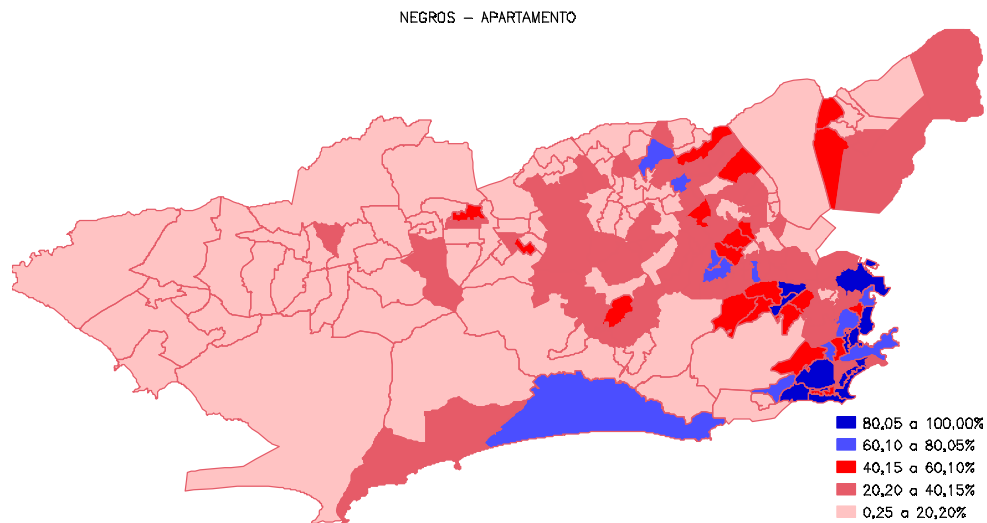


Fonte: Elaboração própria, a partir da amostra do Censo 2000 (IBGE).

A espacialização dos apartamentos nos territórios do Rio de Janeiro (Mapa 4) também revela uma tendência dos brancos de se localizarem em áreas tradicionalmente ricas e brancas. Dos 42,6% dos brancos que moram em apartamento, 79,45% a 99,32% concentram-se na Zona Sul, Barra e Jardim Guanabara, e os restantes em outras áreas da cidade. Os negros de classe média, por sua vez, ocupam o mesmo território, mas de forma muito restrita, como em Salvador. Note-se que no Jardim Guanabara a participação negra é quase inexistente, o que confirma o “gueto” da burguesia quase toda branca como.

Mapa 4 – Distribuição Espacial de Apartamentos por Cor ou Raça – Rio de Janeiro - 2000





Fonte: Elaboração própria, a partir da amostra do Censo 2000 (IBGE).

3 Democracia e Distribuição Espacial dos Serviços de Consumo Coletivo: Coleta de Lixo

No que diz respeito à coleta geral do lixo, realizada por serviço de empresa pública ou privada, verifica-se que o Rio de Janeiro tem uma cobertura maior que Salvador (88,1% e 66,7%, respectivamente). Analisando-se o serviço, por cor ou raça, observa-se que em ambas as cidades existe diferença quanto aos domicílios de brancos e negros. A coleta, nos domicílios dos brancos, é de 78,0% em Salvador e 91,4% no Rio de Janeiro, enquanto que nos de negros, atinge apenas 63,2% e 83,5%, respectivamente. Além disso, nas modalidades mais precárias deste serviço, tão essencial (caçamba, tanque ou depósito, fora do domicílio; queimado; enterrado no terreno ou propriedade onde se localiza o domicílio; terreno baldio ou logradouro; jogado em rio, lago ou mar; outro destino), os domicílios dos negros têm sempre mais que o dobro desse tipo de coleta, o que revela uma evidente discriminação dos serviços em relação à população negra, em ambas as cidades.

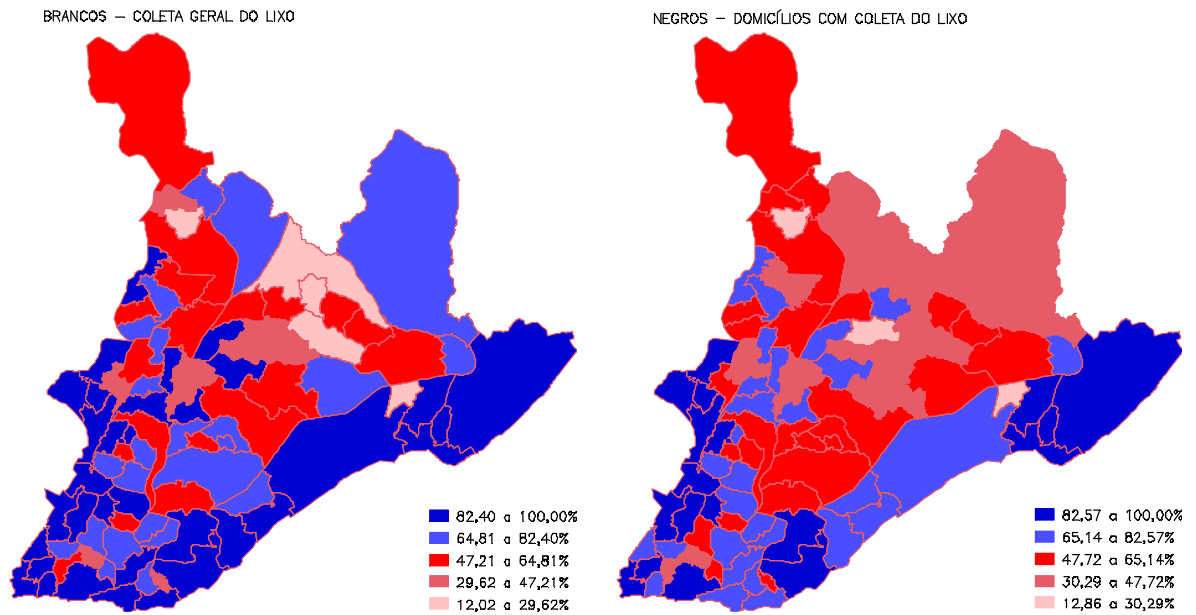
Tabela 3 – Domicílios com Coleta de Lixo – Rio de Janeiro e Salvador - 2000

Coleta de lixo	Cor ou raça				Total	
	Branca		Negra		Salvador	Rio de Janeiro
	Salvador	Rio de Janeiro	Salvador	Rio de Janeiro		
Coletado por serviço de limpeza	78,0%	91,4%	63,2%	83,5%	66,7%	88,1%
Colocado em caçamba de serviço de limpeza	18,7%	7,9%	29,0%	14,6%	26,6%	10,6%
Queimado (na propriedade)	0,4%	0,3%	1,1%	0,8%	0,9%	0,5%
Enterrado (na propriedade)	0,0%	0,0%	0,1%	0,0%	0,1%	0,0%
Jogado em terreno baldio ou logradouro	2,4%	0,3%	5,5%	0,6%	4,7%	0,4%
Jogado em rio, lago ou mar	0,4%	0,1%	0,9%	0,3%	0,7%	0,2%
Tem outro destino	0,1%	0,1%	0,2%	0,1%	0,2%	0,1%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Elaboração própria, a partir da amostra do Censo 2000 (IBGE).

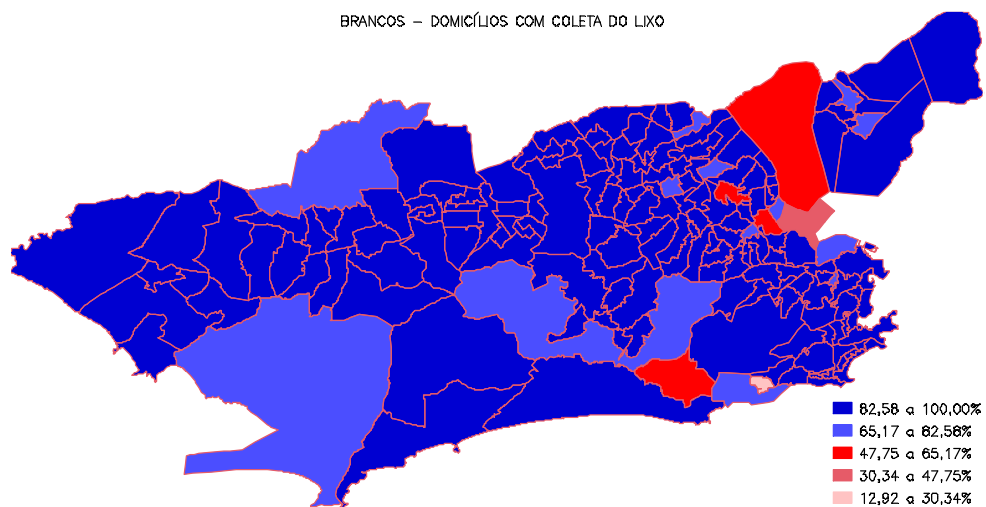
Estas desigualdades que se observam na Tabela 3 se reproduzem, especialmente (Mapa 5), em relação à coleta geral em Salvador. Neste mapa, fica evidente que este tipo de serviço é voltado, principalmente, para as áreas mais ricas da cidade, com as diferenças entre domicílios de brancos e negros. Entre os serviços de consumo coletivo relacionados a uma melhor condição de habitabilidade, a coleta de lixo, em todas as suas formas e destinos também revela que as administrações públicas não tratam igualmente negros e brancos, como cidadãos portadores de direitos iguais em matéria de saúde pública. As evidências empíricas, até aqui, têm demonstrado diferenças e desigualdades expressivas, com pouquíssimas exceções, bem traduzidas pelos mapas e tabelas.

Mapa 5 – Distribuição Espacial de Domicílios com Coleta Geral do Lixo – Salvador - 2000

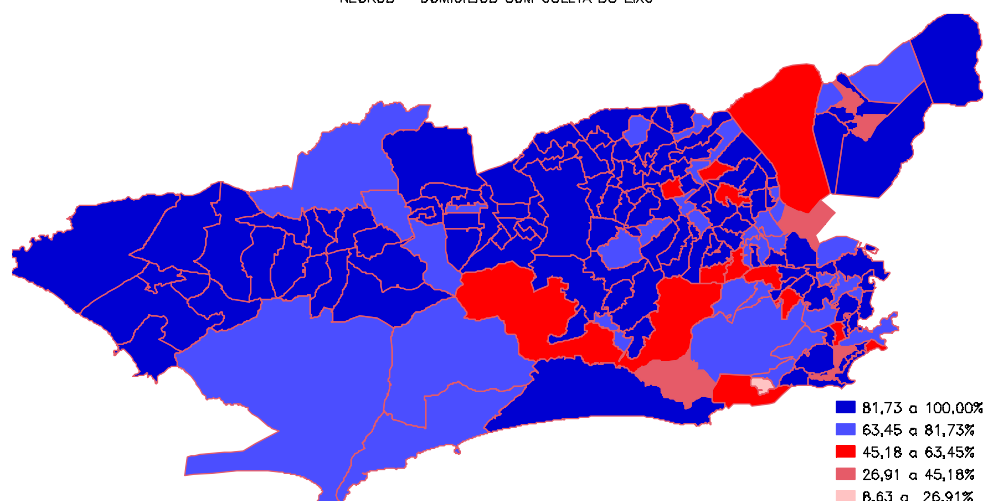


Fonte: Elaboração própria, a partir da amostra do Censo 2000 (IBGE).

Mapa 6 - Distribuição Espacial de Domicílios com Coleta Geral do Lixo – Rio de Janeiro - 2000



NEGROS – DOMICÍLIOS COM COLETA DO LIXO



Fonte: Elaboração própria, a partir da amostra do Censo 2000 (IBGE).

No Rio de Janeiro, surpreendentemente, as zonas Norte e Oeste principalmente, que vêm acumulando indicadores negativos, têm uma cobertura desse serviço mais equitativa, tanto nos domicílios brancos quanto nos negros, como traduz o Mapa 6, ao contrário de Salvador. Entretanto, esta igualdade racial, no acesso a este serviço tão essencial para a saúde pública, ainda apresenta diferenciações e desigualdades em parte das AEDs, como Galeão e Cidade Universitária; Freguesia (norte); Tauá; Zumbi, Pitangueiras e Praia da Bandeira; Complexo do Alemão; Grajaú; Jacarepaguá; Leme e AEDs da faixa paralela à orla sul. A precariedade maior parece estar na Rocinha, que se destaca de todas as AEDs, tanto em domicílios brancos como negros, o que mostra que a proximidade física não necessariamente contribui para que os bairros mais pobres se beneficiem dos melhores serviços prestados às áreas mais ricas.

Neste contexto, podemos afirmar que a combinação da discriminação do mercado imobiliário e da ação do Estado tem reproduzido desigualdades raciais, e, portanto, as políticas públicas brasileiras em geral, e as políticas urbanas, em particular, nas cidades estudadas, têm agravado a segregação. Entretanto, o cotidiano de desigualdades e segregação para milhões de pessoas pode não se fazer acompanhar da percepção e da denúncia do mito da “democracia racial” por parte das maiores vítimas da discriminação. A ordem (ou desordem) das grandes cidades, para ser objetivada e compreendida, exige uso de instrumentos e de capacidades não disponíveis para os que sofrem as conseqüências da desigual distribuição dos bens e serviços que a cidade proporciona. A igualdade dos cidadãos das grandes cidades brasileiras está a exigir a compreensão dos fundamentos históricos e sociais das imensas desigualdades atuais. Até hoje, só foram removidas as favelas e os antigos quilombos, não as marcas, no corpo e nas residências, das desigualdades entre os descendentes das casas-grandes e sobrados por um lado, e os descendentes das senzalas, mocambos e quilombos, por

outro. Para quando a “democracia”?

NOTAS:

¹ Ironia dos movimentos de moradores do Subúrbio Ferroviário, contrapondo a riqueza da Orla Marítima à miséria da outra orla, que sobrevive pela mariscagem, denunciando o abandono da região (GARCIA, et al 2000). A grande multidão, que aflui para o bairro de Plataforma, constitui uma ponte humana entre este bairro e o da Ribeira, localizado do outro lado da Baía de Todos os Santos e... todos os Orixás!

²Área de antigo quilombo. Uma simples visita a áreas de antigas remoções de favelas no Rio de Janeiro pode revelar que prédios de apartamentos, ou casas luxuosas se instalaram em áreas que haviam sido consideradas essenciais para preservação das encostas. As áreas em torno da Lagoa Rodrigo de Freitas são exemplos nítidos desta sucessão de ocupações de grupos situados nas duas pontas do espaço social. As novas escrituras teriam sido legalizadas? Por que meios jurídicos?

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maurício A de. Evolução urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. INPLANRIO, 1997
- CASTELLS, Manuel y Jordi Borja. La ciudad multicultural. La Factoria, n.2. [s.l] 1997.
Disponível em: <http://www.lafactoriaweb.com/articulos/borjcas2.htm> . Acesso em : 7 de março de 2004
- HASENBALG, Carlos. Notas sobre relações de raça no Brasil e na América Latina. Rio de Janeiro IUPERJ, 1993.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Base de informações do censo demográfico 2000: resultado da amostra por área de ponderação. Rio de Janeiro, 2003.
- PINTO, Luis Aguiar Costa. O negro no Rio de Janeiro: relações de raça numa sociedade em mudança. Rio de Janeiro. Editora UFRJ, 1998.
- GARCIA, Agenor Gomes Pinto, GARCIA, Antonia dos Santos e CARVALHO, Carolina Pedrosa. AMPLA: 25 anos de luta pela cidadania. [s.n]. Salvador, 2000.